



INSTITUTO FEDERAL  
Rio Grande do Sul

Departamento de Comunicação

Clipping

**Veículo:** Beef Point

**Data:** 17/07/2019

**Local/Abrangência:** Nacional

**Editoria/Coluna:** Giro do Boi

**Link/página:** <https://www.beefpoint.com.br/os-motivos-que-fazem-os-jovens-ficarem-ou-deixarem-o-campo-no-rs/#>

**GIRO DO BOI** 17/07/19 - por Equipe BeefPoint

## Os motivos que fazem os jovens ficarem ou deixarem o campo no RS

Em meio ao desafio de reter jovens em um campo cada vez mais envelhecido, o papel da família no processo de sucessão é o que acaba determinando a decisão dos filhos de deixarem o meio rural ou darem continuidade aos negócios da família. Embora o cenário externo exerça influência, como rentabilidade da atividade e quantidade de terra, é o ambiente interno que conduzirá o caminho escolhido pela juventude rural. É o que mostra pesquisa feita pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) com 743 filhos de agricultores no Estado, com idades entre 13 e 21 anos.

— O ponto chave da sucessão está dentro das famílias. Se os jovens crescem ouvindo os pais reclamando da profissão, é provável que migrem para a cidade. Claro que tem a ver com vocação também mas, de qualquer forma, os filhos precisam ser preparados para o futuro — afirma Raquel Breitenbach, professora do IFRS no campus Sertão e coordenadora da pesquisa.

O levantamento, realizado no ano passado em todas as regiões gaúchas, mostra os determinantes do interesse e da falta de vontade em serem sucessores familiares na atividade agrícola (veja detalhes da pesquisa no final da matéria).

— Os resultados contrariam o senso comum de achar que é só a questão financeira que interfere na decisão. E as motivações são muito semelhantes em todas as regiões — detalha Raquel.

Uma das causas que levam os filhos de produtores a quererem ser sucessores, segundo a pesquisa, é a autonomia dada pelos pais para participarem das decisões referentes à propriedade.

— O diálogo dentro da família é fundamental. Direito à herança todos terão, mas ser sucessor é uma decisão dos jovens a partir das oportunidades que a família oferece — acrescenta Clarice Vaz Emmel Böck, coordenadora estadual de Juventude Rural, Gênero e Educação do Campo da Emater-RS.

Homens ainda são mais estimulados a se manterem na propriedade

O índice de interesse dos entrevistados em ser sucessor é de 45,2%. Quando os resultados são divididos por gênero, o percentual aumenta para 59,6% entre os meninos e despenca para 28,6% entre as meninas.

— É uma questão cultural e histórica. As meninas ainda são mais incentivadas a saírem do campo, a estudarem nas cidades. Mais um indicativo da influência da família nesse processo — indica Clarice.

Apesar do ambiente ainda mais propício aos homens, a diferença de gênero no campo vem diminuindo, com cada vez mais mulheres dispostas a assumirem os negócios — quebrando barreiras machistas ainda presentes.

É o caso da estudante Silvia Kanigoski, 17 anos, de Viadutos, no norte do Estado. cursando técnico em agricultura, ela pretende continuar trabalhando na produção de leite e de grãos em 18 hectares. Os dois irmãos, ambos mais velhos, já deixaram a propriedade da família para trabalhar na cidade.

— Meus pais sempre me incentivaram a ficar, a dar continuidade. Eu vejo meu futuro aqui — conta Silvia, que leva quase três horas por dia para ir estudar na cidade e retornar para casa.

Quando concluir o Ensino Médio, a jovem pretende cursar Zootecnia. Para isso, terá de passar um tempo fora da propriedade.

— Mas depois vou querer voltar — garante Silvia.

O mesmo caminho é trilhado por Ana Gabriela Zorzan, 18 anos. Filha de produtores rurais de Getúlio Vargas, no norte do Estado, mora durante a semana em um internato em Sertão, onde cursa técnico em agropecuária no IFRS. Nos finais de semana, ajuda os pais na produção de leite e de grãos e também na gestão da propriedade de 32 hectares.

— Sou eu que faço os orçamentos para compra de insumos, como farelo para alimentação das vacas — conta Ana Gabriela, que sente-se inserida no negócio da família.

E, embora tenha gosto natural pela pecuária, confessa que hoje está dividida entre seguir os estudos na Veterinária ou na Agronomia.

— Gosto das duas áreas na verdade, mas acho que a parte vegetal está em vantagem — revela a jovem, que tem uma irmã de 20 anos cursando Veterinária na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Os dois irmãos, mais velhos, não seguiram a atividade agrícola. — Acho que sobrará para as mulheres da casa — brinca Ana Gabriela.

#### Fatores de Influência

Entre os que decidiram ficar:

- Quantidade de terra que os pais têm
- Boa remuneração das atividades
- Investimentos feitos pelos pais na propriedade (tecnologia e melhorias em geral)
- Incentivo de políticas públicas
- Autonomia dada pelos pais para participar das decisões
- Relações de confiança com vizinhos e comunidades
- Possibilidade de alimentação e moradia barata

Entre os que decidiram sair:

- Baixo investimento dos pais na propriedade (tecnologia e melhorias em geral)
- Vergonha de ser agricultor
- Falta de incentivo de políticas públicas
- A ideia de que a agricultura não dá dinheiro

- Presenciar reclamações constantes dos pais sobre a atividade
- Não gostar da agricultura, não se identificar com a profissão

Herdeiros precisam se profissionalizar

No caminho para a troca ou compartilhamento de bastão no meio rural, um ponto é visto como chave entre especialistas: a necessidade de profissionalizar os sucessores para enfrentarem um mercado global cada vez mais competitivo.

— É fundamental que os pais e os filhos tenham essa consciência. Não pode se acomodar por ser proprietário. É preciso desenvolver os jovens como profissionais, para que estejam em constante atualização e modernização em questões de mercado e tecnologia — explica Teresa Roscoe, professora da Fundação Dom Cabral.

A informalidade do campo, alerta Teresa, não pode ser confundida com a falta de necessidade de adotar práticas comuns do mundo empresarial:

— É preciso construir um alinhamento entre os membros da família, com propósito e visão de futuro. A transmissão da cultura e do conhecimento são essenciais.

A hora certa para os pais começarem a falar sobre sucessão dependerá da maturidade de cada filho, mas pequenos detalhes na infância já podem conduzir o processo, segundo Luis Fernando Cavalheiro Pires, assessor do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar-RS):

— As crianças e os jovens precisam ser ensinados a valorizar o trabalho da família, como a importância da produção de alimentos.

E, mesmo quando os herdeiros não têm pretensão de participar das atividades imediatamente, eles precisam ser inseridos no planejamento sucessório da propriedade.

— Um dia, os herdeiros, querendo ou não, farão parte do negócio. Então, o melhor é que sejam preparados para quando esse dia chegar — destaca o assessor do Senar-RS.

## **Busca de conhecimento**

Neto de produtor rural, Conrado Pereira Zanferari, 19 anos, está se preparando para assumir os negócios da família. Estudante de Administração na Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUCRS), o jovem pretende buscar o máximo de conhecimento para contribuir com a produção de grãos e a criação de gado de corte. No total, a propriedade da família soma cerca de 12 mil hectares.

— Quero me formar, ficar um tempo nos Estados Unidos e, depois, me inserir efetivamente nos negócios da família — afirma Zanferari.

Natural de Bagé, mudou-se para Porto Alegre ainda criança. Mas nunca perdeu os laços com o Interior e com a agropecuária.

— Cresci em cima de um trator, andando pela fazenda com meu avô e com meu tio, que é também meu padrinho. Estou me preparando para compartilhar com eles técnicas para aprimoramento da gestão rural — projeta Zanferari, neto mais velho de Gedeão Pereira, presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul).

Fonte: Zero Hora.